

**ANGÉLICA CARDOSO LIMA**

**JUVENTUDE, TEMPO LIVRE: POSSÍVEIS REFLEXOES.**

## RESUMO

Esta pesquisa buscou evidenciar as possíveis relações entre juventude e tempo livre na sociedade capitalista. Para isso, apresentei algumas reflexões sobre o tema na sociedade capitalista com intuito de discutir as ações e intervenções dessa geração no cotidiano social. Caracterizado como uma pesquisa bibliográfica e sustentada teórico-metodologicamente por autores marxistas, e que, portanto se utilizam do materialismo histórico e dialético, pude me aproximar das categorias teóricas, tomadas aqui como relevantes para as articulações propostas. A juventude geração caracterizada pelo processo de preparação para o mundo adulto produtivo, pode ser entendida como um forte ponto de referencia para as transformações sociais. Nessa direção as manifestações ou movimentos sociais aqui apontados, tais como o movimento sem terra (MST) e movimento estudantil demonstram os poucos caminhos que restam à juventude, enquanto movimento organizado para romper os valores do trabalho produtivo na sociedade do capital. Nesse ínterim, o esporte, como proposta oferecida aos jovens, por meio das políticas públicas estatais, para a ocupação de seu tempo livre, evidencia também, a determinação e controle da juventude, visando conformá-la e discipliná-la para que os eventuais ímpetus de resistência aos valores hegemônicos sejam minimizados e transformados em desejos individualizados. Finalmente, cabe ressaltar que os poucos movimentos organizados pela juventude ainda suscitam e estimulam a chama da inquietude e a essência da juventude revolucionária e, que, se junta as manifestações culturais jovens como funk, rap, skate, mas que, com clareza, os identifica ainda no processo de resistência que conforma.

Palavras-chave: juventude, tempo livre e sociedade capitalista.

## ABSTRACT

This work aims to show the possible relationship between youth and free time in a capitalist society. So, I presented some reflections about this topic in a capitalist society to discuss the action and interventions of this generation in the social daily. This is a bibliography research and it is supported by marxists theories and uses historic and dialectic materialism, there fore i could approximate of theoric categories, which are relevant in this work to the suggested articulations. The youth, generation whichs is characterized by the preparation process to an adult and productive world, cam be understood like a strong reference point to the social transformations.

In this hay, the demonstration or social moviments presented here, such as the “moviment of the whithout land people” (MST) and the student movement show few paters that rest to the youth, while organized moviment to broke values of productive work in the capitalism society. So the sport as am offer to teenagers through estatal public politics, to the ocupation of their free time, also show, the determination and control of the youth, ciming form and instruct it for that eventual impulse of hemogenic value resistance can be decreased and transformed in individual desires. Finally, we can show that few organized movements by youth still suscite and stimulate the flame of inquietude and the revolucionary youth essence, and the cultural movements of teenagers such as funk, rap, skate, but that, with clarity, identify them still in a resistance process that conform.

Keywords: youth, free time, capitalist society.

## 1 – INTRODUÇÃO

### **Quais as possíveis relações entre juventude e tempo livre na sociedade capitalista?**

Podemos afirmar que a visão do jovem de hoje está muito ligada aos costumes simbólicos consumistas e ao individualismo. Gonçalves (2005), por exemplo, relata que o traço individualista tem sido uma marca da sociedade contemporânea. A ele se submetem todos os indivíduos, em particular àqueles que moram e circulam nas grandes cidades e que estão susceptíveis à competição e ao consumo, porém, o desejo de consumo e o individualismo não é peculiar nos jovens. Esse tipo de comportamento é característico de um processo de ideologização cujos jovens são os mais vulneráveis, pois estão em plena fase de desejo de conhecer o novo, da conquista, da rebeldia, da irreverência.

Segundo Sposito (2006) apesar de poucos trabalhos produzidos sobre jovens no Brasil na década de 80 e 90 já pode ser constatado um aumento de manifestações coletivas juvenis, minimizando o olhar de individualidade que tanto se observava nessa geração de jovens.

Segundo Oliveira (2006), os jovens da atualidade encontraram sua maneira própria para manifestar seus desejos e ideais, os quais demonstram como se relacionam com a sociedade em que vivem, demonstrando suas inquietações e desejos.

Nesse sentido, trazemos alguns exemplos como os jovens do MST (movimento sem terra) em busca de uma transformação social e igualitária, grupos de rap e funk que se utilizam da música e danças para demonstrarem sua realidade que pode não ser produto só do consumo, mas também fruto de uma produção cultural própria, cujos jovens se utilizam dos instrumentos que dispõe, tal como rádios populares, internet, dos movimentos sociais organizados tal como o movimento estudantil universitário, etc., e que são nestes movimentos que os jovens buscam dizer o que os afligem, a contar suas histórias e a mostrar sua realidade. Obviamente, pensamos que toda essa situação pode incomodar a sociedade capitalista de alguma forma.

Em relação à juventude de forma geral, Gallo (2003) aponta que os jovens “incomodam os acomodados”, pois buscam mudanças para a sua vida. Isso oferece condições de inferir que tais sujeitos encontram-se no ápice da sua busca de prazeres, necessidades e interesses, e assim possuem força para lutar contra o que impede de realizar tais façanhas. O jovem é a força do movimento transformador, reagindo contra toda a acomodação.

Pesquisas realizadas pelo laboratório da juventude<sup>1</sup> acusam que 52% dos jovens têm como principal preocupação o desemprego, o mundo do trabalho, e se estará apto a entrar neste mercado tão competitivo e individualista. Penso ser imprescindível o fortalecimento cultural das massas, um fortalecimento de uma ideologia social contrária a esta que está estabelecida e que visa a manutenção das relações de poder e pensar em um investimento nessa juventude, em formar o homem novo, como uma nova consciência, uma prática social e ética diferente (Lênin, 1981).

No Brasil, 52% dos jovens acreditam que o sistema socialista ainda é a melhor solução para a transformação desta sociedade. Estes consideram que os valores

---

<sup>1</sup> Tenho como referência acerca dos dados quantitativos e qualitativos acerca da juventude, os estudos realizados pelo Laboratório da Juventude do Instituto da Cidadania de São Paulo, que traz dados quantitativos sobre a população de jovens brasileiros e algumas análises qualitativas de suas manifestações e respostas sobre, trabalho, família, religião, drogas, sexualidade e lazer. Esses dados serão citados com frequência, mais adiante.

como a solidariedade, o respeito às diferenças e igualdade de oportunidades, sentimentos que provêm de um pensamento ideológico socialista, ainda são os aspectos que devem ser valorizados<sup>2</sup>.

Todavia, percebemos que o jovem de hoje vê a necessidade de viver o seu agora, construir a sua identidade, reivindicar melhoras para a sua classe. E é por meio do uso do tempo livre, que ele procura demonstrar suas necessidades e é por intermédio do conhecimento de seu próprio corpo, que procura demonstrar o valor da sua identidade e de seus símbolos. Sposito (2006) reforça a discussão, ao expor que a juventude é capaz de questionar os circuitos da cultura e da informação enquanto agências de dominação, e assim, utiliza-la à seu favor como uma voz de reivindicação do ser jovem, capaz de ser ouvido e respeitado.

A mídia, os programas dos governos, os programas sociais e o esporte, que vem influenciando de maneira significativa, no comportamento dos sujeitos em relação ao tempo livre, e sofrem influencias capitalistas que afetam diretamente os jovens.

Nessa direção, Abramo (2005) nos indica que, cerca de 91% dos jovens usufruem do seu lazer cotidiano em atividades diversas, tais como televisão, que acaba induzindo-os à alienação e ao conformismo porque ficam expostos a valores, normas, identidades distintas à sua característica de ser irreverente.

No segundo capítulo buscamos elucidar as possíveis relações entre as manifestações juvenis no tempo livre, enfatizando os movimentos sociais jovens e a relação do tempo livre e do esporte na juventude.

## **A RELAÇÃO ENTRE JUVENTUDE E TEMPO LIVRE**

Procuramos neste momento abordar questões sobre o significado do que vem a ser juventude e sua relação com o uso do tempo livre.

Para o entendimento do que significava juventude, utilizamos a obra de Bourdieu (1983) “essa tal juventude” que mostra como esse termo foi apropriado a ponto de sua utilização trazer significados voltados a dominação e controle social.

Ainda segundo o autor, o termo juventude foi utilizado no século XVI em Florença significando virilidade, irresponsabilidade atribuída ao jovem, em oposição ao termo adulto que, em síntese, significava maturidade e responsabilidade. Estabeleceu-se aí uma relação de dominação e poder sobre a “juventude” e, desse modo, as idéias e os desejos que lhes eram peculiares, passaram a ser abafados.

Neste período, as idéias de hierarquia foram implantadas e os mais velhos detinham todo o conhecimento, o poder, procurando garantir a supremacia dominante. A divisão jovem-adulto representada por uma classificação de faixas etárias foi uma maneira de impor limites e fazer com que cada qual tinha seu lugar e função estabelecida.

Bourdieu (1983) ainda retrata a existência de duas juventudes, os filhos dos proletariados, que vivem do trabalho e da educação para o trabalho e os filhos da classe dominante que possui acesso a escola de qualidade, ao lazer, à alimentação e à moradia.

---

<sup>2</sup> Idem ao 1.

Quando olharmos o significado da palavra juventude devemos estar atento a esse fato social.

É importante frisar que em relação ao tempo livre, há dois tipos de jovens e que ambos usufruem um tempo livre alienante e funcionalista, um deles quer prolongar no máximo esse estágio de vida ampliando um período de irresponsabilidade e imaturidade e o outro se depara com as obrigações de um adulto, responsabilidade familiar e trabalho.

Por outro lado, talvez seja por meio do tempo livre, que a juventude brasileira possa buscar a sua identidade mostrando-se capaz de identificar os problemas sociais na qual está inserida.

Vega (1979) relata que Marx acreditava que, no aumento do tempo livre o homem poderia se libertar das “amarras” do capitalismo, tendo tempo para sentir a natureza, ler mais, aumentar seus relacionamentos e construir uma sociedade mais humana e justa e, dessa forma, torná-la um “reino de liberdade”<sup>3</sup>.

Porém, após a Revolução Industrial, a burguesia começou a constatar que se fabricava muito, para poucos consumirem, mesmo porque os funcionários das grandes fábricas tinham um tempo livre restrito, para o descanso e para a recuperação da força para o trabalho do dia seguinte. Com a redução da jornada de trabalho, conquistado pelos trabalhadores, os donos das grandes indústrias perceberam que esta era uma forma de ampliar o número de consumidores e de fazer negócios com o tempo diminuído do trabalho.

Assim, Padilha (2003) afirma que, com a existência do tempo livre, houve a necessidade de transformá-lo em mercadoria, em tempo-dinheiro, ou seja, em um tempo livre abstrato e funcionalista.

Segundo Bourdieu (1983)<sup>4</sup> para os jovens filhos dos proletariados esse tempo livre era visto de forma diferenciada da burguesia. Para eles, foram criadas as associações esportivas e culturais, na qual os esportes eram praticados com intuito de treinamento desses jovens para adquirirem a noção de competência, individualidade, eficiência e rendimento para perpetuar a ideologia dominante e então, a classe burguesa passou a controlar o uso do tempo livre, ao criar instituições como as escolas técnicas para os filhos dos proletariados, visando capacitá-los para o trabalho produtivo.

A redução das horas de trabalho não significou, portanto, uma conquista de horas para o tempo livre a fim de favorecer o sujeito a criar, desenvolver-se, pensar e agir no mundo num movimento de transformação pelo contrário, reativou a ideologia do poder de uns sobre outros e promover a manutenção da ideologia dominante.

É por isso que Mothé *apud* Padilha (2003) acredita que apenas com o fato da obtenção do tempo livre não é possível desenvolver uma nova sociedade, é preciso acontecer a outra ideologia e extinguir a dominante atual.

Segundo Antunes (1999), não é possível pensar o tempo livre sem fazer a relação com o mundo do trabalho. Isso seria impossível, pois estamos impregnados de uma consciência dominante. Para o autor, só conquistaremos um tempo livre humanizado se o trabalho também o for, pois se o trabalho trouxer no seu bojo uma característica de alienação, o tempo livre também será igual e, assim, enquanto o trabalho não tiver um sentido de ação, de produção histórica, de atitude humana refletida no movimento de transformação da natureza, o lazer residual não terá mais do que uma função utilitarista.

---

<sup>3</sup> Cabe lembrar, que o reino da liberdade apenas existirá quando o reino da necessidade for superado (ANTUNES, 1999).

<sup>4</sup> Cita o esporte, no capítulo como é possível ser esportivo?, da obra *Questões de Sociologia*, como uma maneira econômica de disciplinar os jovens para o trabalho.

Para os jovens, então, o uso do tempo livre pode ser considerado de caráter utilitarista, quando representa a preparação para o trabalho assalariado que envolve uma formação proporcionada por cursos profissionalizantes patrocinados por empresas privadas. Porém, não há de limitar aqui, a compreensão de tempo livre utilitarista. A indústria cultural e a cultura de massa exercem tanta influência quanto a preparação para o mercado de trabalho.

As manifestações no tempo livre pela juventude, apresentam-se permeadas pela massificação gerada pela indústria cultural, principalmente aos finais de semana. Na pesquisa já referenciada na introdução, “perfil da Juventude Brasileira o jovem ocupa-se de atividades de entretenimento e lazer (em 46% dos casos), atividades dentro de casa (22%, sendo 10% destinado à TV), ou seja, 78% do seu tempo livre utilizado nos finais de semana e nas atividades ligadas ao descanso, e à recompensa de uma semana.

Durante a semana fica reservada 59% de atividades dentro de casa, sendo que destina-se 34% à televisão. Essa situação não deixa espaço para a ocupação do tempo livre com atividades relacionadas a movimentos sociais, por exemplo. O jovem hoje, perante esses resultados, está muito sensível à indústria cultural, na formação de sua identidade.

Para Marlatt (2005) é necessário esclarecer sobre a influência da indústria cultural no comportamento dos jovens, e fazer aparecer o verdadeiro jogo de interesses das indústrias de produção, como por exemplo no caso das drogas lícitas e no trabalho de marketing para cativar consumidores juvenis e do uso ideológico na manutenção do sistema atual, das atividades esportivas e culturais para manter o jovem em constante controle no seu tempo livre ou no seu lazer.

Marcellino (1990) esclarece que, o lazer possui a visão de utilitarista, quando ele possui a capacidade de desenvolver o homem para as atividades do trabalho e para o uso do tempo livre de forma a aumentar o conformismo dos jovens frente à exploração que o mercado de trabalho oferece como por exemplo: a mão de obra barata e pseudo-qualificada.

Nesse sentido Codo e Senne (1985) explicam que, quando o jovem se utiliza do culto ao corpo, na prática do seu tempo livre, ele busca realizar-se consigo mesmo, por meio da transformação de sua aparência, reforçando que o lazer da juventude, quando não está voltado diretamente ao trabalho, apresenta-se como tempo para educar o corpo indiretamente para o mesmo trabalho. Para tanto, são construídos os templos do culto ao corpo, as chamadas academias, que estão lotadas de jovens que procuram se realizar socialmente, em busca de alternativas para o seu bem-estar.

Porém, o jovem nem faz idéia do quanto se conforma com a corpolaria, com a realidade e com as contradições da sociedade. Desta forma ele só se tornará livre, quando resistir efetivamente das amarras capitalistas e, assim, contestar a indústria cultural que lhe impõe a ideologia hegemônica do corpo perfeito.

Ao trazer a mercadorização da juventude para o tempo livre, as práticas consumistas prevalecem, as quais apresentam imagens e símbolos muito usados em propaganda de refrigerantes, lojas de moda teen, lanchonetes fast food, motos, shoppings etc. e a juventude então, é vista como grande consumidora em potencial nascendo, assim, a sociedade do ser em ter<sup>5</sup>, na qual toda a realização humana fica determinada pelo consumo daquilo que é ditado pela indústria cultural. O autor ainda apresenta a necessidade do ter simbolizado, ou seja, de quando pensar em um tênis, se pensa em Nike como estilo jovem; na alimentação jovem, pensa-se em Mc Donald's; coca-cola

---

<sup>5</sup> Termo utilizado por Debord (1997) na obra “A sociedade do espetáculo” que esclarece a primeira fase da dominação da economia sobre a vida social.

como qualidade de vida e estilo de liberdade; e a televisão, traz o estilo jovem que ela idealiza, o jovem romântico<sup>6</sup>. Gera-se assim, o estilo jovem e irreverente de ser, que se representa na famosa jaqueta de couro, no refrigerante da galera, ou no rock como símbolo musical ideal da juventude.

Por outro lado, a juventude convive dentro de uma sociedade que explora, gerando desemprego e violência e, por sentir isso tão próximo, essa geração pode ser capaz de compreender melhor os problemas causados por essa desigualdade de classes, tão presente na sociedade atual. Essa situação poderá favorecer a construção de cada um deles como sujeito social, como sujeito questionador e atuante nesta sociedade e poderá fortalecer a luta pela transformação social.

Sposito (2006) relata que as outras manifestações juvenis podem surgir nos locais de moradia envolvendo o lazer, entretenimento e esporte, que usam o jovem para contribuir com suas ações críticas reprodutivistas, sendo o Estado um forte colaborador.

Uma grande modalidade que vem crescendo entre os jovens é o associativismo em torno de ações voluntárias, comunitárias ou de solidariedade, em combate à violência, drogas, exclusão social, meio ambiente e soropositivos, que se apresentam como uma das formas encontrada pela juventude para ir contra a hegemonia dominante, construindo alternativas por intermédio do tempo livre.

Em relação ao lazer, Pereira *et al* (2006), abordam dois tipos de comportamentos da juventude, o tipo conformista que adota as atividades do Estado e o tipo transgressor que o Estado considera marginalizado que, no entanto possui atitudes e atividades revolucionárias. Para essa juventude caracterizada como transgressora, marginalizada, o Estado propõe atividades de controle, disciplina e manipulação da população desses jovens, como relata Pereira *apud* Silva (2003):

hoje o lazer, é controlado pelo Governo [...] É controlado porque não convém ao sistema que a espontaneidade emergja porque é perigoso, porque o homem espontâneo é um homem que pode descobrir dentro de si determinadas maneiras de ver o mundo diferente da institucionalizada. E isso é extremamente perigoso para o sistema (p. 194).

Para o Estado, a juventude é entendida como um grande potencial de produtividade, e que deve ser disciplinada, domesticada para inserir-se no mercado de trabalho.

De acordo com Quintana *apud* Pereira (2006), a juventude representa um período da vida em que o ser humano realiza sua inserção autônoma na vida social, mediante três eixos: a inserção do mercado de trabalho, a formação de uma família própria e a participação cívica e política.

Trago o exemplo do PROUNI, (Programa Universidade para Todos), a educação profissionalizante, o Fome Zero, Bolsa Família, e atividades culturais e esportivas que mantêm os valores de trabalho produtivo com o intuito de preparar os jovens para suprir as necessidades do mercado. Assim o Estado capitalista adapta e condiciona o jovem num processo de transformação em seres passivos e apolíticos.

Ao associar essas políticas doutrinadoras com o tempo livre, Brenner *et al* (2005), relata que os contrastes econômicos, influenciam nas desigualdades de acesso

---

<sup>6</sup> Abramo (1994) e Leccardi (1991) retratam o conceito de jovem romântico, que seria um tempo de liberdade, de prazer, de expressão e comportamentos exóticos. Uma imagem muito usada pela indústria cultural, sinônimo de beleza, virilidade e transformadora de conceitos. Um período de experimentações, do momento do erro e do acerto, uma passagem entre a infância e a maturidade, para o ser adulto que será dotado de responsabilidades e poder, que agora não terá chances de experimentar.

ao tempo livre, e que há a necessidade de que políticas públicas voltadas ao lazer e a cultura em geral, enfatizem o livre acesso a toda juventude.

Assim, Branco (2005) aborda a necessidade de construir um programa de políticas públicas que não fique limitado por um lado, ao retardamento do ingresso do jovem no mercado de trabalho e por outro, na insistência em apenas inserir os jovens no mercado formal e em atividades diretamente subordinadas ao aumento da mais valia.

Ainda nessa direção, ao manter as políticas de lazer sustentadas pela lógica do mercado, mantém-se também a falsa idéia da inserção desse jovem por meio do esporte e outras táticas ideológicas, com a desculpa de afastá-lo da marginalidade em rumo ao progresso.

Para Venturi e Bokany (2005) a juventude atual é considerada em sua maioria conservadora, porém isso não significa que não encontraremos focos revolucionários da juventude crítica, interessada na transformação do status quo da sociedade atual, que questionem os valores hegemônicos, principalmente relacionados as ideologias transportadas em atividades do tempo livre.

Saur (2003) também aborda essa relação de descontentamento dos jovens com o que o mundo do trabalho pode oferecer a sociedade, um mundo de exploração e de incertezas em suas vidas. E que tanto na religião como em movimentos revolucionários o jovem terá a chance de lutar por condições mais dignas e claras de vida.

Para Mariz “[...] o jovem é concebido como alguém mais propenso a atitudes heróicas e a virtuosismos religiosos, que busca a santidade e também a revolução, é o que morreria por uma causa justa [...]” (2005, p.45).

Com esse discurso a autora<sup>7</sup> relata que essa base de rebeldia, luta pela igualdade e a rejeição de padrões assim determinados à base da injustiça e às normas são a marca fundamental do espírito juvenil.

Assim, por meio destes retratos sobre a juventude e da relação com o tempo livre, que pretendemos buscar compreensões mais amplas sobre suas manifestações na sociedade. Portanto, esse é o assunto do próximo capítulo, no qual pretendemos trazer às discussões, as relações dos movimentos sociais da juventude com o esporte, aprofundando ainda mais a associação do tempo livre dos mesmos, com possíveis relações com conformismo e resistência.

## **POSSÍVEIS RELAÇÕES ENTRE AS MANIFESTAÇÕES JUVENIS, NO TEMPO LIVRE**

Neste capítulo, buscamos abordar algumas manifestações juvenis no uso do seu tempo livre, bem como analisar alguns projetos sociais para a juventude com o intuito de entendê-la no âmbito das manifestações sociais. Nesse sentido, mediante o que já foi discutido, *será que a juventude atual pode se transformar em um processo de resistência ou ela apenas pode contribuir para a manutenção da mesma? Como os movimentos sociais mantidos para ou pela juventude se apresentam perante a lógica capitalista? E como o tempo livre se manifesta nesses meandros?*

Chauí (1986) nos alerta sobre a relação do processo de resistência com a consciência do fato social. A autora diz que, quando pensamos que estamos agindo em um processo de resistência, na verdade é quando estamos mais conformados, ou seja, quando a juventude pensa que resiste ao sistema social, esta se adapta e amplia então,

---

<sup>7</sup> MARIZ, C. A Importância da juventude nas comunidades de vida no Espírito Santo. Revista Tempo Social, v. 17, n.º. 02, São Paulo, 2005.

sua coisificação e seu conformismo. Nesse sentido, o processo de resistir se apresenta no mais puro conformismo e, como as manifestações sociais são realizadas na maioria das vezes no tempo livre, estas, mesmo que camufladas, estão repletas de valores ideológicos.

Nesse momento então, nos deparamos com as diferenças entre a juventude revolucionária e a juventude reacionária. Essas categorias teóricas estão repletas de significados e entendimentos que, necessariamente, perpassam o entendimento de ideologia, considerando a relação direta da mesma com os valores determinados socialmente, visto que, de acordo com Bottomore (1988), a respeito de ideologia, ela expressa a relação entre “o elo necessário entre formas invertidas de consciência e a existência material dos homens” (p.183)<sup>8</sup>.

Dessa forma, evidencia-se que a sociedade de classes, mantidas pelo modo de produção capitalista, está permeada de valores contraditórios, formados por interesses hegemônicos, construídos pela existência histórica da luta de classes e pela necessidade do capital (classe dominante) em controlar e impor modos e estilos de vida e, então, o termo juventude se apresenta dotado de valores sociais construídos historicamente e mergulhada nos valores ideológicos hegemônicos.

As formas de controle social, durante o tempo livre, se apresentam expressadas nos inúmeros projetos e propostas políticas sejam estatais ou privadas tais como a Lei do Aprendiz<sup>9</sup>, na qual as políticas públicas (determinadas pelo Estado Capitalista) assumem o papel de determinar os projetos que visam a preparação do jovem em adulto produtivo. Para Belluzzo e Victorino (2004) as políticas públicas destinadas aos jovens não fogem do padrão de outras categorias, marcadas por ações que oscilaram entre o controle e a assistência social.

Essas ações que, durante o tempo livre, se mostram como tempo preso, apenas mantêm os valores da sociedade atual, banalizam o sentido do trabalho e em nada modifica na diminuição da distância entre as classes sociais, além de buscar perpetuar o jovem num processo conformista e fortalecer os sentidos das diferenças de classe que estamos vivendo, mantendo assim o jovem em pleno conformismo em aceitar o trabalho assalariado e, portanto, alienado. Em relação ao tempo de não trabalho, a juventude também não escapa dos ditames, apresentados pelas políticas públicas. Assim, o principal mecanismo de controle social no e do tempo livre tem sido o esporte que tem sido muito usado nos programas de entidades que tem como objetivo, incentivar a participação de voluntários no desenvolvimento das ações complementares da escola, tendo como o esporte, a função humanista, que procura proporcionar a disciplina e acesso a um mundo melhor por intermédio do esporte.

Bourdieu (1983) aborda a importância do uso do esporte como controle de massa e redução de agressividade que poderia se transformar na revolução e à medida em que foram surgindo associações esportivas, criadas originalmente por entidades beneficentes, as mesmas foram recebendo ajuda dos poderes públicos para sua formação.

O autor ainda prossegue, afirmando que o esporte veio como o meio mais barato de ocupar o tempo livre dos jovens, com algo que pudesse dominá-los e passar

---

<sup>8</sup>O autor refere-se à concepção de Marx e Engels na qual evidencia que a ideologia advém de uma distorção do pensamento que nasce das contradições sociais e as oculta. Em consequência disso, desde o início, a noção de ideologia apresenta uma clara conotação negativa e crítica (Bottomore, 1988.p.184).

<sup>9</sup> A lei do aprendiz (nº 10.097/2000) abre esta oportunidade, ao permitir a formação técnico profissional de jovens de 14 a 24 anos. Acesse o site: [www.leidoaprendiz.org.br/lei/conteudo.php](http://www.leidoaprendiz.org.br/lei/conteudo.php). Acesso dia 23/11/2007.

conceitos do mundo capitalista de uma forma ilusória para a conquista de um mundo perfeito e realizado (BOURDIEU, 1983).

Valter Bracht (2005), também ressalta a idéia do esporte como uma “arma dos dominantes”, quando esta, se utiliza do esporte como desvio de atenção das massas trabalhadoras contra a classe dominante. Assim, o esporte se posiciona dentro das fábricas e indústrias como uma forma mascarada e ilusória, com objetivo de disciplinar os trabalhadores jovens<sup>10</sup>.

Entretanto, tanto Bourdieu (1983), como Bracht (2005), relatam uma possível relação de resistência da classe proletária com o uso do esporte em países como a Bélgica, Tchecoslováquia, França e principalmente a Alemanha, que criaram organizações esportivas com princípios próprios diferenciados da classe dominante burguesa e, também, produziram textos que divulgavam seus princípios e esclareciam a população do uso do esporte pela burguesia (BRACHT, 2005), porém, logo foi abafada pelos patrões e pela sociedade no período pós segunda guerra mundial.

Portanto, na grande maioria das situações, o esporte ao ocupar o tempo livre dos jovens, se apresenta no intuito de dominá-los e repassar valores do trabalho produtivo.

A prática do esporte ressalta sua contradição quando evidencia o rendimento, ao propor a igualdade e a liberdade entre as classes, mas cai no antagonismo das exigências do rendimento e da eficiência.

Inseridos nesses princípios, encontram-se as ações voluntárias voltadas à difusão do esporte cujas práticas são cada vez mais difundidas no meio juvenil, com o intuito de tirar os jovens desprovidos economicamente da marginalidade, com o objetivo de disciplina-los por meio do esporte e transformá-los em trabalhadores juvenis produtivos nas escolinhas de informática e atividades de prestações de serviço.

Nesse contexto, a juventude deve ficar atenta as armadilhas impostas pela sociedade no movimento de usurpação do seu tempo livre, principalmente nas propostas que são articuladas com o Estado e com os meios de comunicação em massa, que propagam essa imagem do jovem solidário, longe da marginalidade e da rebeldia como a vida ideal para a juventude, sem polemizar as relações históricas de tal condição.

Ao buscar antagonizar essas ações, no tempo livre ou fora dele, e que retira da juventude sua possibilidade de emancipação e transformação social, é necessário também, voltar os olhares para os movimentos sociais da juventude.

Os movimentos sociais surgem como uma forma de expressão da consciência crítica da sociedade e de sua capacidade de agir e que vêm contra as ideologias dominantes de aceitação e negação da atual realidade da população brasileira, no qual, a mídia e o Estado fazem questão de ocultar, ou então, deturpar a imagem dos movimentos.

Nesse ínterim, Andrade (1998) aponta “que o caráter processual da constituição do sujeito em termos de consciência e de identidade, está em uma atividade constante de produção e transformação de significados” (p.105).

A autora ainda retrata os espaços do movimento sem terra, como repletos de ações coletivas, nas quais os indivíduos compartilham conhecimento e experiências. E nesse espaço que os jovens estão formando suas consciências políticas (ANDRADE, 1998). Devido ao contexto que estão inseridos, pode-se dizer que são portadores de uma consciência relativamente homogênea. Na qual os indivíduos compartilham metas e uma identidade em comum.

---

<sup>10</sup> BRACHT, Valter. Educação Física e Aprendizagem social. Porto alegre: Magister 1992. p. 26.

No caso dos jovens do MST, são realizadas reuniões para discussão dos problemas do assentamento e melhorias que devem ser propostas para o funcionamento das atividades, segundo Andrade (1998) a partir de 1996 foi decidido que os jovens, filhos dos assentados<sup>11</sup>, estariam assumindo a organização de produção agrícola do assentamento.

O MST é um espaço interativo e comunicativo que produz relações entre as gerações (que vivem nesse local), constroem identidades e forma consciências. Os indivíduos compartilham metas e identidades em comum, pois todos estão ali com a mesma finalidade, que é a luta pela terra<sup>12</sup>.

Nos assentamentos, ressalto o movimento dos sem-terrinhas<sup>13</sup>, que são grupos de crianças e jovens que se reúnem para discussão pela luta da terra, planejam passeata e fazem encontros com os demais sem-terrinhas de todo o país, para ampliar esclarecimentos acerca do mundo do trabalho e da importância da luta pela terra.

Assim, os jovens dentro desses grupos produzem socialmente sua voz ativa e são educados e politizados com os verdadeiros sentidos de vida igualitária. São características marcantes desses movimentos a organização e a qualificação de seus membros, sob a centralidade do trabalho, voltada para o entendimento da organização da sociedade atual. (CALDART, 2004)

Ao prosseguir nessas reflexões, identificamos algumas ações contra-hegemônicas, que são valorizadas pela juventude dos movimentos sociais, tais como rádios universitárias<sup>14</sup>, sites com artigos sobre as lutas e caminhadas pelos direitos que os atingem em comum, como a educação, a luta pela terra, e a luta contra problemas políticos e direitos sociais.

Em relação aos estudos sobre os movimentos estudantis, a socialização e a aceitação de seus ideais são também restritas e destacam-se apenas as antigas formas dos movimentos contra a ditadura e, portanto se antagoniza ao movimento estudantil nos dias de hoje.

As ações dessa juventude, por meio de manifestações populares, podem se tornar relevantes para a melhoria a acesso das camadas desprovidas e também por meio delas procuram esclarecer a população acerca dos mecanismos de manipulação realizados pelo Estado e pelas organizações privadas.

Neste processo de resistência, esses jovens, das mais variadas idades, usam o sem tempo livre para criar uma consciência política na população que está cega pelas falsas promessas de liberdade oriundas do estado burguês.

Percebemos assim, que o envolvimento dos jovens em movimentos sociais como o sem terra e estudantil está em alta nos dias de hoje, perpassando por um processo de cumplicidade entre eles, expressado nas experiências de campo pela luta dos direitos do proletariado.

Para Tomás (2006) os movimentos sociais de hoje, giram em torno do reconhecimento de suas identidades, como por exemplos, os movimentos étnicos (negros e índios – que lutam contra a discriminação e a obstrução de cotas, além do prestígio do ensino da sua cultura), os movimentos de gênero e gerações (movimento feministas, que buscam a valorização da mulher e contra a violência a ela e dos direitos das crianças e dos idosos), e os movimentos pelos direitos de ter (Sem-terra - pela luta da

---

<sup>11</sup> O estudo tem como referência o assentamento em Sumaré – São Paulo.

<sup>12</sup> CALDART, Roseli Salette. Pedagogia do Movimento sem Terra. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

<sup>13</sup> Ver o site do MST - Sem-terrinha, endereço: [www.mst.org.br](http://www.mst.org.br)

<sup>14</sup> Para saber mais sobre os jovens do MST: [www.mst.org.br](http://www.mst.org.br) e jovens do movimento estudantil: [www.conlute.org.br](http://www.conlute.org.br)

reforma agrária, sem teto, pelo direito a moradia e estudantil e pela garantia da educação de qualidade para todos).

Essas reflexões denotam que a relação desses jovens com a sua compreensão de mundo e sua identificação como classe trabalhadora, são fundamentais na construção de sujeitos sociais críticos. Entretanto Sposito afirma “que é preciso admitir a diversidade de atividades coletivas pelos jovens, ainda pouco visíveis e pouco estudadas” (2006, p. 219).

Assim, as atividades ligadas à juventude, como a comunicação e que seguem o crescimento tecnológico e de grande acesso aos jovens como rádio comunitárias, produções de vídeos, formação de redes via internet, podem evidenciar o movimento da juventude procurando a sua identidade e união por intermédio de uma nova linguagem.

Para Sposito (2006) é muito importante conhecer os fenômenos da juventude que são a capacidade dos mesmos de se expressarem por meio das imagens, linguagens e escritas do mundo.

Estudos como o de Abramo (1994), Dayrell (1999) e Oliveira (2006), apresentam os comportamentos e as atividades que os jovens urbanos realizam em busca da sua identidade e que traz a denúncia crítica sobre os males que os atingem.

Porém, Dayrell (2003) retrata que não podemos cair no erro de analisar esses jovens reduzindo-os apenas ao campo da cultura e consumo, como se eles só expressassem a sua condição juvenil nos finais de semana ou quando envolvidos nos movimentos culturais.

Para que não ocorra esse isolamento, o autor propõe a análise desses jovens na construção de sujeitos sociais, baseados em seu cotidiano e na sua relação com a sociedade urbana.

Nesse sentido, Oliveira (2006) retrata que o jovem é mais frágil frente à manipulação da indústria cultural, pois procura resistir ao anonimato das cidades, das metrópoles e procura por meio dos símbolos juvenis, que tanto a mídia os retrata, resistir à homogeneização de suas identidades.

Nas cidades, o jovem se apropriou para a construção de uma consciência crítica, de expressão e denúncia, das músicas e danças como o rap<sup>15</sup>, e o funk<sup>16</sup> que representa crítica e culturalmente o mundo dos pobres. Trata-se da experiência de dominação dessa classe e, ao mesmo tempo, banalizam, por intermédio dessas mesmas expressões musicais e corporais, o corpo por meio das roupas minimizadas. Porém, pode representar também a luta contra a violência urbana e, no próprio consumo de símbolos criados e manipulados pela indústria cultural, podem ser capazes de produzir, vozes e comportamentos que vão contra a lógica da sociedade atual<sup>17</sup>.

Portanto, manipulados pela indústria cultural e pela cultura de massa, o usufruto do tempo livre pela juventude pode ser usada à favor da manutenção do status quo, levando a adaptação ao sistema no intuito de iludir a juventude, num processo conformista mas, ao mesmo tempo, a juventude pode não se apresentar no âmbito social na mais profunda alienação e, assim, ser capaz de buscar a transformação da sociedade e também entender suas contradições, que às vezes, para resistir, devemos nos conformar e nos reconhecer como classe pobre.

<sup>15</sup> Grupos criados nas periferias da Grande São Paulo, Fortaleza e Brasília.

<sup>16</sup> Grupos criados nas periferias e Morros do Rio de Janeiro.

<sup>17</sup> Marcelo Melo (2005) retrata a discussão da violência associada ao envolvimento dos jovens localizados nos bairros pobres e favelas. MELO, M. Para Além do Salvacionismo ou Considerações sobre Políticas de Esporte em Favelas. In Anais do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

#### 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento resgatamos a pergunta de partida, sobre **Quais as possíveis relações entre juventude e tempo livre na sociedade capitalista?**

Para começar a discussão, pensamos ser importante e, sobretudo fundamental identificar e reconhecer o mundo como ele, de fato, é. De acordo com Bourdieu (1998) as marcas visíveis da grande utopia neoliberal estão expressas não só na miséria cada vez maior, mas também no agravamento extraordinário das diferenças entre as rendas, na invasão cultural em virtude dos efeitos da mídia e na “destruição de todas as instancias coletivas capazes de resistir aos efeitos da máquina infernal, entre as quais o Estado está em primeiro lugar”. (p.145)

Diante dessa realidade concreta, encontramos a geração jovem que, como relata Mariz (2005), não é ser jovem, mas sim estar jovem, que é contra a autoridade, as regras autoritárias e que é capaz de morrer por uma causa, no âmbito revolucionário.

O ser social, na forma capital, é equiparado à linha de montagem de uma fábrica, advindo do fordismo, cujas fragmentações do trabalho e de sua divisão social são transportadas para a vida pessoal do trabalhador e, que, segundo Antunes (1999) tem sua vida construída sem identidade.

Assim, quando o homem se torna adulto, torna-se mais produtivo e, portanto, não se vê mais realizado no seu trabalho, tornando-se coisa, mercadoria e como toda a mercadoria ela tem prazo de validade, fica ultrapassada e que é descartada, a qualquer momento.

Sob o bojo desta realidade, identificamos o jovem, inserido na lógica capitalista, com espírito contraditório à lógica hegemônica e, ao mesmo tempo sujeitos manipuláveis pelos instrumentos da indústria cultural e de consumo.

Assim, diante do que já foi evidenciado até o momento, a relação entre a juventude e seu tempo livre está relacionada à busca de sua identidade e a formação de um ser social capaz de contribuir historicamente para uma sociedade ideal. Porém o jovem se apropria de um tempo livre alienante e funcionalista que acaba por reproduzir a sociedade em que vive.

Contudo, ao buscar sustentação em Pierre Bourdieu (1998) “pode-se esperar que a massa extraordinária de sofrimento produzida por um tal regime político-econômico possa um dia lastrear um movimento capaz de deter a marcha para o abismo? De fato estamos aqui diante de um extraordinário paradoxo”. (p. 145)

Pensamos que essa realidade só mudará a partir do momento em que se compreender e identificar os valores da sociedade capitalista, assim transformando o tempo livre abstrato em um tempo livre completo de sentidos, que para Antunes (1999) isto só será possível quando o trabalho também for cheio de significados e sentidos.

A forte influencia dos instrumentos ideológicos da indústria cultural sobre o tempo livre da juventude que acabam por condicionar comportamentos conformistas com o intuito da manutenção da sociedade atual e tendo a valorização do esporte como um dos principais meios de controle social.

*Com relação a outra questão surgida no decorrer da pesquisa, que foi refletir sobre a relação do esporte no tempo livre para esses jovens, que estão sensíveis aos valores da sociedade capital.*

Para Melo (2005) o esporte, dentro da nossa sociedade, se caracteriza como o “salvador” dos jovens, das periferias e favelas, das drogas e da violência, tendo o esporte como uma forma de lazer pra ocupar o tempo livre dos mesmos assim trazendo

a relação que o jovem não se envolveria com o mundo do crime se estivesse algo para fazer.

No entanto, Bourdieu (1983) relata a experiência esportiva como uma forma de ascensão do jovem proletário na sociedade capitalista, na qual os melhores atingem estatus de modelos e símbolos de uma vida cheia de sucesso, assim contribuindo com a proliferação do esporte espetáculo e garantindo o crescimento da indústria esportiva e o consumo de produtos oriundos das práticas esportivas desses atletas.

Melo (2005) questiona quantos jovens adquirem essa vida dotada de sucesso e profissionalização por intermédio do esporte? Quantos ganham um décimo de seus ídolos, como no exemplo do futebol o Ronaldinho? Para o autor o esporte não pode continuar sendo usado para ludibriar a juventude, principalmente das camadas populares, que está em busca de uma vida melhor.

Como já retratamos o uso do esporte, nas manifestações juvenis no uso do tempo livre, tem como maior utilidade à preparação desses jovens para o mercado de trabalho, assim construindo uma juventude apta ao rendimento, ao trabalho em grupo e disciplinados ao ponto de seguirem regras e conceitos estabelecidos pela sociedade capital.

Para Bracht (2005) “o esporte é utilizado como meio para desviar a atenção das massas da luta de classes e como fuga da realidade política” (p.25) como meio de entretenimento na qual os sujeitos assumem para si os sentimentos de raça e superação advindos dos seus ídolos, e assim transferem sua agressividade e desejos de conquista de sua classe para as arquibancadas do esporte espetáculo.

Por outro lado, em busca de combater o domínio e a imposição feita pela sociedade capitalista cresce no uso do tempo livre, os movimentos sociais realizados pela e para a juventude. Segundo Carvalho (2001) são movimentos que contradizem a sociedade capitalista, pois buscam fomentar sentimentos de coletividade, solidariedade e a prática de formação de políticas públicas destinadas a luta por igualdades e direitos, assegurados pela Constituição Federal de 1988, ao lazer, educação, saúde, moradia e alimentação digna para toda a sociedade brasileira. Os jovens se fortalecem em busca dessa realidade por intermédio de ações políticas integradas aos movimentos sociais, tais como, o movimento sem terra (MST) e o movimento estudantil.

Finalmente, como considerações evidenciadas desta realidade, trazemos novamente aqui a pergunta de partida da pesquisa: *quais as possíveis relações entre juventude e tempo livre na sociedade capitalista?*

Diante do que propomos nesse trabalho, o uso do tempo livre pelos jovens, ao mesmo tempo que os aliena para as contradições da realidade e descaracteriza como classe pobre, tem a possibilidade de se transformar em um instrumento revolucionário e construtor de uma identidade de um ser social, na busca de uma sociedade igualitária.

A partir do momento que os jovens se identificam como classe pobre, percebem o quanto são explorados e alienados por essa sociedade dominante, buscam grupos homogêneos e de características revolucionárias e assim se manifestar contra as desigualdades impostas à eles. E enquanto não houver a superação do capitalismo, não existirá um trabalho criativo e dotado de sentido, portanto não tendo um tempo livre capaz de desenvolver as qualidades humanas.

## 5 – REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, H.W. **Cenas juvenis: “punks” e “darks” no espetáculo urbano.** São Paulo: Scritta, 1994.
- ABRAMO, H.W. **Condição Juvenil no Brasil Contemporâneo.** In: ABRAMO, H.W. e BRANCO, P.P.M (orgs.) Retratos da Juventude Brasileira. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.
- ADORNO, T. **A Indústria cultural.** In: Cohn, G. (Orgs). Textos de Theodor W. Adorno. São Paulo: Ática, 1986.
- ANDRADE, M. **A formação da consciência política dos jovens no contexto dos assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra.** Campinas: Faculdade de Educação, UNICAMP. (Tese de doutorado), 1998.
- ANTUNES, R. **Tempo de Trabalho e Tempo Livre: Por uma vida cheia de sentido dentro e fora do trabalho.** In: ANTUNES, R. *Os sentidos do trabalho – ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho.* São Paulo: Boitempo, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho.** São Paulo: Cortez, 1999.
- BELLUZZO e VICTORINO. Juventudes nos caminhos da ação pública. **Revista Perspectiva,** São Paulo, n. 18, p. 8-19, 2004.
- BRACHT, V. **Sociologia Crítica do Esporte: Uma Introdução.** Ijuí: Ed. UNIFUÍ, 2005.
- BRANCO, P.P. **Juventude e trabalho: desafios e perspectivas para as políticas públicas.** In: ABRAMO, H.W. e BRANCO, P.P.M (orgs.) Retratos da Juventude Brasileira. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.
- BRENNER, A. et al. **Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros.** In: ABRAMO, H.W. e BRANCO, P.P.M (orgs.) Retratos da Juventude Brasileira. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.
- BOTTOMORE, Tom. Dicionário do pensamento marxista, RJ: Jorge Zahar editor, 1988.
- BOURDIEU, P. **A juventude é apenas uma palavra.** In: BOURDIEU, P. *Questões de Sociologia.* Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Como é possível ser esportivo?** In: BOURDIEU, P. *Questões de Sociologia.* Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983.

- \_\_\_\_\_ . **Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal**. RJ: Jorge Zahar Editor, 1998.
- CALDART, Roseli Salette. **Pedagogia do Movimento sem Terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2005.
- CARVALHO, M.S. Movimentos Sociais e Formação Docente. In **Anais do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**. Caxambu/MG, 2001.
- CAVALCANTI, Kátia Brandão. **Esporte para todos: um discurso ideológico**. São Paulo: Ibrasa, 1984.
- CHAUI, M. **Conformismo e Resistência: ambigüidade**. In: CHAUI, M. **Conformismo e Resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.
- CODO, W. E SENNE, W. **O que é Corpolatria**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2004.
- CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO – CNPq. Disponível em <http://dgp.cnpq.br/> Acesso entre agosto e outubro, 2007.
- COSTA, M. **Os carecas de subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, nº. 24, 2003.
- GALLO, S. (coord.). **Ética e Cidadania: caminhos da Filosofia**. 13ª ed. Grupo de estudos sobre ensino de filosofia. Campinas, São Paulo: Ed. Papyrus, 2003.
- GONÇALVES, H.S. Juventude Brasileira, entre a tradição e a modernidade. **Rev. Tempo Social**, USP, v. 17, nº. 02, 2005.
- LECCARDI, C. **Orizzonte del tempo: esperienza del tempo e mutamento sociale**. Milano: Franco Angeli, 1991.
- LENIN, V. **As tarefas da Juventude na construção do socialismo**. In: LENIN, CASTRO E BETTO. **As Tarefas Revolucionárias da Juventude**. Expressão Popular, 1981.
- LIVI, G. E SCHMITT, J. **História dos Jovens**. São Paulo: Companhia das letras, 1986.
- MARCELLINO, N. **Lazer e educação**. Campinas, Papyrus, 1990.
- MARIZ, C. A importância da juventude nas comunidades de vida no Espírito Santo. **Revista Tempo Social**, v. 17, nº. 02, São Paulo, 2005.

- MARLATT, B. **Jovens e drogas: saúde, política neoliberal e identidade jovem.** In: ABRAMO, H.W. e BRANCO, P.P.M (orgs.) Retratos da Juventude Brasileira. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.
- MELO, M. Para Além do Salvacionismo ou Considerações sobre Políticas de Esporte em Favelas. In **Anais do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte.** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.
- MINAYO, M.C.S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 25ª Ed.rev. e atualizada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- NUTESSES – Núcleo Brasileiro de Dissertação e Teses em Educação, Educação Física e Educação Especial. Disponível em: <http://www.nuteses.ufu.br/index3.html>. Acessado entre agosto e outubro, 2007.
- OLIVEIRA, R.C.A. **Culturas Juvenis na metrópole: cultura audiovisual, formas de expressão e consumo simbólico.** In: FREITAS, M.C. (orgs.) Desigualdade Social e Diversidade Cultural na Infância e na Juventude. São Paulo: Cortez, 2006.
- PADILHA, V. **Se o trabalho é doença, o lazer é remédio.** In: Muller, A e Dacosta, L. Lazer e trabalho: um único ou múltiplo olhares. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Shopping Center: a catedral das mercadorias.** São Paulo: Boitempo, 2006.
- PEREIRA, F. et al. **Lazer e juventude: alguns apontamentos ou possíveis aproximações e ou reflexões preliminares.** In: CARVALHO, J (org). Lazer no Espaço Urbano: Transversalidade e Novas Tecnologias. Curitiba: Ed. Universitária Champagnat, 2006.
- QUIVY, R. e CAMPENHOUDT, L. **Manual de Investigação em Ciências Sociais.** Lisboa: Gradiva, 1992.
- SAUR, S. Religião e pós-modernidade: Anotações esparsas de um debate contemporâneo. **Fragm. Cult. Goiânia**, v.13, p. 55-74, 2003, especial.
- SCIELO - Scientific Eletronic Library On line. <http://www.scielo.com.br>. Acessado entre os meses de agosto a outubro de 2007.
- SILVA, M. **Trabalho, Infância e cultura lúdica.** In: SILVA, M. Trama doce-amarga: (exploração do) trabalho infantil e cultura lúdica. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2003.
- SINGER, P. **A Juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social.** In: ABRAMO, H.W. e BRANCO, P.P.M (orgs.) Retratos da Juventude Brasileira. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

- SPOSITO, M. **Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação.** In: FREITAS, M.C. (orgs.) *Desigualdade Social e Diversidade Cultural na Infância e na Juventude.* São Paulo: Cortez, 2006.
- TOMÁS, C. **Há muitos mundos no mundo... Direitos das crianças, cosmopolitismo infantil e movimentos sociais de crianças – diálogos entre crianças de Portugal e Brasil.** Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, (Tese de Doutorado), 2006.
- TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.
- VEGA, J.L.G. **Ócio e turismo.** Rio de Janeiro: Ed. Salvat Brasil, 1979.
- VENTURI, G. BOKANY, V. **Maiorias adaptadas, minorias progressistas.** In: ABRAMO, H.W. e BRANCO, P.P.M (orgs.) *Retratos da Juventude Brasileira.* São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.
- WERNECK, C. **Lazer, Trabalho e Educação: Relações Históricas, Questões Contemporâneas.** Belo Horizonte/ MG: Ed. UFMG, CELAR – DEF/ UFMG, 2000.